

1 Caixa de pintura de Hitler

Esta caixa de esmalte amolgada com aguarelas bastante usadas – fabricada em 1910 pela empresa Redeker & Henni de Nuremberga – pertenceu a Adolf Hitler. Foi roubada pelo correspondente de guerra belga Robert Francotte da secretária de Hitler no seu apartamento em Munique, na Prinzregentenstrasse, em maio de 1945, e documenta um aspeto da vida e da carreira de Hitler que raramente é escrutinado: as suas pretensões artísticas.

A fazer fé no que Hitler escreveu em *A Minha Luta*, aos 12 anos de idade decidira ser artista. Mimado pela mãe, que era viúva e que o adorava, Hitler insistiu que um dia iria ser um pintor famoso e, em 1905, abandonou a escola para perseguir o seu sonho. Dois anos depois, munido de um portefólio com os seus desenhos, deslocou-se a Viena para se matricular na Academia de Belas-Artes. Segundo escreveu mais tarde, estava convencido de que «passaria facilmente no exame»¹.

Os seus quadros são ridicularizados, mas a verdade é que Hitler era um artista competente. Mesmo antes de se deslocar a Viena, andava sempre com o caderno de esboços debaixo do braço e estava constantemente a esboçar aspetos de edifícios que lhe agradavam ou desenhos para cenários de óperas que queria compor. Disse um dos seus amigos da adolescência, August Kubizek:



Conjunto de aguarelas que pertenceu a Adolf Hitler.

Quando o tempo estava bom, ele costumava sentar-se num banco na Turmleitenweg [em Linz], onde tinha montado uma espécie de estúdio ao ar livre. Lia os seus livros, desenhava e pintava com aguarelas.²

Por conseguinte, quando deixou Linz para se fixar em Viena, Hitler estava confiante em relação à sua candidatura à Academia, e recordou mais tarde que tinha sido «de longe o melhor aluno» de desenho da sua escola e que desde essa altura tinha feito «progressos mais do que extraordinários»³. Mas as coisas não lhe correram bem. Qualificou-se para o exame em Viena, mas os seus desenhos foram considerados «insatisfatórios» pelos examinadores, que lhe deram a explicação lapidar de que ele tinha incluído «poucas cabeças»⁴. Apesar de desiludido, Hitler perseguiu o seu sonho com determinação e no ano seguinte candidatou-se outra vez, mas não conseguiu qualificar-se para o exame. Foi uma rejeição que o atormentou até ao fim dos seus dias.

«Hitler decidiu ser artista aos doze anos de idade.»

Nos anos seguintes, Hitler ganhou um magro sustento a vender quadros e postais, primeiro em Viena e depois em Munique. Hitler disse que durante este período fez 700 ou 800 pinturas, e pedia cerca de cinco marcos por cada uma. O seu estilo era simples e naturalista, usando como temas edifícios, flores e paisagens panorâmicas. «Pinto o que as pessoas querem», disse ele. Era fascinado pelos pormenores, em particular pelos arquitetónicos, mas incluía muito poucas figuras humanas – um eco do seu fracasso anterior.

Depois da eclosão da guerra, em 1914, Hitler levou as suas aguarelas para a Frente Ocidental, onde pintou e desenhou o meio que o rodeava. O exemplo oposto do seu trabalho durante a guerra, pintado em dezembro de 1914, mostra um mosteiro arruinado pelo fogo da artilharia, em Messines, a sul de Ypres. Desconhece-se se Hitler ainda sonhava com uma carreira como artista ou se estava apenas a praticar o seu passatempo, mas é de notar que ele passou a sua primeira licença em Berlim a visitar as galerias de arte.

Depois da guerra, Hitler pensou em candidatar-se de novo a uma academia de belas-artes, mas a política tomou conta da sua vida. A pintura foi relegada para meia dúzia de rabiscos e desenhos marginais, em especial alguns dos esboços arquitetónicos que reapareceram mais tarde no plano da transformação de Berlim em «Germânia», (ver «“Germânia”, um desenho de Hitler», pp. 119-20). Os gostos de Hitler ditaram o tom artístico e o estilo cultural do Terceiro Reich. Hitler impôs-se ao gosto de Goebbels pela arte moderna e decretou que a arte «oficial» do Reich seria um estilo clássico monótono, com a família «ariana» retratada em termos piegas e sentimentais. Patrocinou artistas tradicionalistas, como o escultor neoclássico Arno Breker, e os artistas vanguardistas que tinham florescido na a República de Weimar foram forçados a exilar-se.

As pinturas de Hitler foram retiradas de circulação, com compradores dóceis incumbidos de adquirir as que eram localizadas. Foram publicadas muito poucas,

e a sua exibição foi proibida em 1937.⁵ Nos últimos anos do século xx, tornaram-se muito procuradas pelos colecionadores, e algumas foram leiloadas por mais de 100.000 euros. A caixa de aguarelas de Hitler foi vendida em 2010, mas pela soma mais modesta de 8.000 euros.

Hitler disse que a sua rejeição pela Academia de Viena o tinha tornado «duro», mas magoou-o muito. Marcou uma encruzilhada na sua vida, um ponto em que os seus sonhos de se tornar artista começaram a esfumar-se e a sua frustração com o mundo aumentou. É obviamente difícil afirmar com certeza, mas talvez a sua rejeição tenha contribuído para a catástrofe da Alemanha.



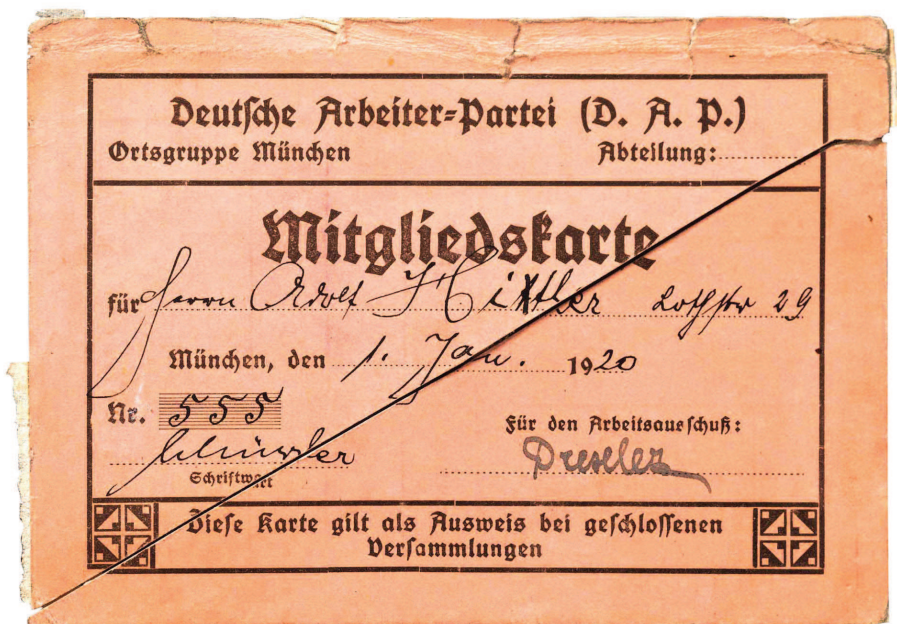
Aguarela de um mosteiro em ruínas pintada por Adolf Hitler em dezembro de 1914, quando ele servia no Exército alemão.

- 1 A. Hitler, *Mein Kampf*, Londres, 1939, p. 20.
- 2 A. Kubizek, *The Young Hitler I Knew*, Londres, 2006, p. 40.
- 3 Hitler, *Mein Kampf*, p. 30.
- 4 F. Spotts, *Hitler and the Power of Aesthetics*, Londres, 2003, p. 124.
- 5 Spotts, p. 140.

2 Cartão do Partido dos Trabalhadores Alemães de Hitler

No dia 12 de setembro de 1919, numa cervejaria de Munique, Adolf Hitler assistiu a um encontro de um pequeno partido político nacionalista. O DAP – Deutsche Arbeiter-Partei (Partido dos Trabalhadores Alemães) fora fundado no princípio do ano, durante o caos da revolução alemã, por um ferroviário de Munique, Anton Drexler, com o objetivo de tornar o nacionalismo uma força de massas. Hitler, que ainda era militar, foi incumbido pelo Exército de assistir à reunião.

O processo que levou Hitler a aderir à organização que devia vigiar é pouco claro: foi obscurecido pelo relato engrandecedor de Hitler e pela mitologia nazi. No entanto, tudo indica que Drexler ficou tão impressionado quando Hitler, com o seu aspeto andrajoso, se levantou para participar no debate que lhe ofereceu um panfleto. Reza a lenda que Drexler disse acerca do recém-chegado: «Aquele tem qualquer coisa. Podíamos usá-lo.»¹



Cartão do DAP de Hitler, com o número 555.

«O cartão atribui a Hitler o número 555, uma tentativa descarada
de fazer o partido parecer maior do que era.»

Hitler leu o folheto e, alguns dias depois, ficou admirado ao receber um postal de Drexler informando-o de que tinha sido aceite pelo DAP e convidando-o para estar presente na próxima reunião. Segundo o relato de Hitler, o partido era um tanto decrépito: tinha apenas 50 filiados, carecia de programa político e não estava minimamente organizado. Os participantes na reunião foram informados de que os fundos do partido perfaziam 7,50 marcos.²

O DAP só emitiu cartões de filiados em janeiro de 1920. O de Hitler está datado do dia 1. A morada é a da sua caserna, na Lohrstrasse 29, e o cartão está assinado por Drexler e pelo arquivista do partido, Rudolf Schüssler. O nome de Hitler foi escrito com dois «b», um dos quais foi rasurado. Curiosamente, o cartão atribui a Hitler o número 555, uma tentativa descarada de fazer o partido parecer maior do que era. Na realidade, a lista de membros começava no número 501, e Hitler foi o 55.º filiado.³

Quando Hitler recebeu o cartão, já era uma estrela em ascensão no DAP. Estreou-se como orador em outubro de 1919 e começou a atrair um número considerável de ouvintes – mais do que os eventos organizados pelo partido tinham atraído até essa altura –, contribuindo para os cofres do partido e gerando uma publicidade cada vez maior. O DAP parecia estar no bom caminho.

O grande salto em frente deu-se em 24 de fevereiro de 1920, quando o partido organizou o seu maior evento até ao momento na cavernosa cervejaria Hoffbräuhaus, em Munique. Perante cerca de 2.000 pessoas, Hitler deu ao DAP a orientação que, na sua perspetiva, faltava ao partido, promulgando um manifesto, o Programa dos Vinte e Cinco Pontos, uma mistura curiosa de posições antisemitas, antimarxistas e anticapitalistas. Nessa noite, Hitler anunciou que o partido tinha mudado de nome para expressar melhor os seus princípios políticos: o Partido dos Trabalhadores Alemães transformou-se no Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nazionalsozialistische Deutsche Arbeitspartei – NSDAP). Tinha nascido o Partido Nazi, e Hitler, decorridos apenas seis meses desde o seu aparecimento, já era a sua principal força impulsionadora.

- 1 Existem várias versões da afirmação de Drexler; ver, por exemplo, Ian Kershaw, *Hitler: Hubris 1889-1936*, Londres, 1998, p. 126, e Volker Ullrich, *Hitler: Ascent 1889-1939*, Londres, 2016, p. 87.
- 2 Allan Bullock, *Hitler: A Study in Tyranny*, Londres, 1962, p. 65.
- 3 Ullrich, *Hitler: Ascent 1889-1939*, p. 87.

3

«Bandeira do Sangue»

Se a melhor maneira de compreender o nazismo é como uma religião política, então a *Blutfahne* («Bandeira do Sangue») foi um dos seus artefactos mais sagrados. Era uma bandeira com a suástica sem nada de especial e pertencia à 5.ª Secção de Assalto da Sturmabteilung (SA) de Munique, os «camisas-castanhas» de Hitler. Em novembro de 1923, durante a tentativa fracassada de conquista do poder em Munique, a bandeira ficou empapada com o sangue de três homens, Anton Hechenberger, Lorenz Ritter von Stransky-Grippenfeld e Andreas Bauriedl, mortos quando a polícia bávara abriu fogo sobre os manifestantes.

«A “Bandeira do Sangue” recebeu o estatuto de relíquia sagrada.»

A «Bandeira do Sangue» foi devolvida a Hitler depois que foi libertado da prisão, em dezembro de 1924, e tornou-se o objeto central do cerimonial nazi. Foi acrescentado um remate com a suástica à ponta da haste, com um anel prateado por baixo com os nomes de três dos 16 nazis – Hechenberger, Stransky-Grippenfeld e Bauriedl – «martirizados» na intentona de 1923. A bandeira passou a ser apresentada em todos os grandes eventos nazis, e o seu toque era usado por Hitler para «santificar» outras bandeiras e estandartes nazis e para selar o juramento de fidelidade dos recrutas SS.

A «Bandeira do Sangue» recebeu o estatuto de relíquia sagrada. Quando não era usada, ocupava um lugar de destaque na recepção da sede do Partido Nazi – a «Casa Castanha» –, em Munique. Era considerada tão importante no movimento nazi que tinha um guardião próprio – um SS de aspeto banal chamado Jakob Grimminger –, cuja única missão era acompanhá-la nas suas peregrinações cerimoniais pelo país. Grimminger surge neste postal de propaganda de 1937 a baixar a «Bandeira do Sangue» junto de uma das piras ardentes à frente da Feldherrnhalle, em Munique, o foco das comemorações anuais do «Golpe da Cervejaria». A legenda diz: «Em memória do 9 de novembro de 1923».

A «Bandeira do Sangue» foi vista pela última vez em público em outubro de 1944, em Berlim, no juramento de bandeira dos primeiros elementos da Volksturm, a última linha de defesa da Alemanha nazi, composta principalmente por adolescentes e velhos. Depois, desapareceu. É possível que tenha sobrevivido – terá talvez sido roubada por um soldado americano em 1945 e esteja esquecida num sótão nos EUA. Mas o mais provável é que tenha sido destruída quando a «Casa Castanha» foi bastante danificada por um bombardeamento aéreo aliado, em janeiro de 1943, ou que tenha desaparecido no caos da Alemanha do pós-guerra. Grimminger sobreviveu à guerra e morreu na obscuridade, em 1969.



A «Bandeira do Sangue», a relíquia mais sagrada da Alemanha nazi.

4

Nota da hiperinflação

Esta nota de banco – de 100 bilhões de marcos! – evoca um período negro da política alemã entre as guerras mundiais, uma época em que foi semeado um futuro ainda mais sombrio.

Depois da derrota na Grande Guerra, a Alemanha, além de enfrentar uma crise política de revolução e colapso, viu-se a braços com uma crise económica. Aos problemas da disrupção económica e do custo das reparações a pagar aos Aliados acrescentou-se a catástrofe da hiperinflação. O esforço de guerra da Alemanha até 1918 tinha sido principalmente financiado através da impressão de papel-moeda, contando que depois da vitória os seus inimigos pagariam. Porém, estas esperanças foram destruídas pela derrota, e a economia alemã sofreu uma enorme pressão inflacionária. Na primavera de 1920, um dólar americano já valia mais de 83 marcos; em agosto de 1914 valera 4 marcos.¹

E como que para agravar estas dificuldades, muitos dos economistas alemães – incluindo o presidente do *Reichsbank*, Rudolf Havenstein –, além de não saber lidar com a crise, só tinham uma vaga ideia das suas causas. A resposta de Havenstein à desvalorização foi imprimir dinheiro, o que desvalorizou ainda mais a moeda.² Por conseguinte, em fevereiro de 1922, um dólar americano valia mais de 200 marcos.

A nota de 100 bilhões de marcos foi a nota de maior denominação jamais emitida na Alemanha.

No verão do ano de crise de 1923, o problema da inflação agudizou-se. Em janeiro, tropas francesas e belgas tinham ocupado o coração industrial da Alemanha, o Rur, como punição pelo não pagamento das reparações. O Governo alemão tinha reagido com uma política de «resistência passiva», apelando aos operários do Rur para que não trabalhassem e Berlim continuaria a pagar-lhes o salário. Esta medida e a continuação da crise política acabaram por causar um colapso económico. Em julho, a taxa de câmbio do dólar atingiu os 100.000 marcos; no mês seguinte, triplicou, e um mês depois decuplicou. O marco entrou em queda livre. A 1 de dezembro, um dólar valia 6,7 bilhões de marcos (\$1 = 6.700.000.000.000).³

Este colapso teve obviamente um efeito gigantesco sobre a sociedade alemã. No outono, com um pão ou um humilde selo postal a custarem para cima de 1 bilhão de marcos, a classe média perdeu as suas poupanças. Os operários eram pagos duas vezes por dia – para combater a inflação – e muitos levavam o salário para casa num carrinho de mão. A troca direta de produtos e serviços tornou-se novamente comum. As crianças brincavam com maços de notas e os pais usavam-nas



Mal valia o papel em que foi impressa: uma nota de 100 bilhões de marcos.

como combustível na lareira; os mendigos recusavam toda e qualquer nota inferior a um milhão de marcos.⁴

O caos galopante teve inevitavelmente efeitos políticos e, durante algum tempo, a Alemanha pareceu prestes a desmoronar-se. No verão eclodiram sublevações comunistas em Hamburgo e na Turíngia, e em novembro de 1923, em Munique, Hitler tentou infrutiferamente conquistar o poder na Baviera.

A crise foi finalmente controlada no inverno de 1923-1924, quando o impotente Havenstein morreu e foi substituído por Hjalmar Schacht na presidência do *Reichsbank*. Schacht reformou a moeda com a introdução do *Rentenmark*, que tirou 12 zeros ao antigo *Papiermark*, e a estabilidade regressou gradualmente. A nota de 100 bilhões de marcos, emitida em novembro de 1923 com um desenho de Albrecht Dürer, foi a nota de maior denominação jamais emitida na Alemanha. Foi emblemática da fragilidade do país entre as guerras mundiais.

Nos anos seguintes, a normalidade foi restaurada e Hitler foi remetido para a margem da vida política. Mas a memória é longa e quando sobreveio a crise econômica seguinte, em 1929 – apesar de ser uma crise deflacionária –, as vivências de seis anos antes ainda estavam bastante presentes para muitas pessoas; a ideia tóxica de que o «sistema» não funcionava ganhou força e aqueles que ofereciam as soluções mais radicais para os problemas da Alemanha ocuparam subitamente o centro do palco. Os nazis passaram de 2,6% dos votos nas eleições para o *Reichstag* em 1928 para 18% em 1930.⁵ Nunca mais olharam para trás.

Dizer que Hitler foi empurrado para a proeminência – mas não necessariamente para o poder – pelos efeitos corrosivos da queda bolsista de Wall Street de 1929 é um truísmo. Todavia, apesar de a economia ter tido uma importância central, a ascensão de Hitler não se deveu exclusivamente a 1929. Esta nota de banco sugere que o colapso econômico de 1923 também deve ser considerado



Crianças alemãs brincam com maços de notas durante a grande inflação.

como um importante fator, dado que enfraqueceu sobremaneira a fé do povo no *status quo* económico e político. Importa não esquecer que, menos de uma década depois da emissão desta nota, Hitler já era chanceler da Alemanha.

- 1 F. Taylor, *The Downfall of Money*, Londres, 2013, pp. 361-62.
- 2 A. Fergusson, *When Money Dies*, Londres, 2010, p. 75.
- 3 Estatísticas citadas in Taylor, pp. 366-67, 370.
- 4 Fergusson, p. 188.
- 5 Volker Bergahn, *Modern Germany*, Cambridge, 1982, p. 284.

5 Escova para bigode de Hitler

Em 1923, Ernst «Putzi» Hanfstaengl, amigo e confidente de Hitler, tentou convencê-lo a rapar o bigode. Hanfstaengl, que sempre antipatizara com o parco bigode «à escova de dentes» de Hitler, que considerava «franzino» e «uma dádiva para os caricaturistas», sugeriu a Hitler que deixasse crescer uma pera como manifestação de «masculinidade». Hitler ficou chocado e disse a Hanfstaengl que ele estava enganado: «Um dia, o meu bigode vai estar na moda», disse ele. «Podes contar com isso!»¹ Não se enganou muito.

Além da questão duvidosa da masculinidade, o outro argumento de Hanfstaengl foi que Hitler não se podia dar ao luxo de perder tanto tempo a tratar do bigode. Contudo, este objeto mostra que Hitler não estava preocupado com isso. Esta escova para bigode, de osso e com 7 centímetros de comprimento, pertenceu a Hitler. Foi levada do seu apartamento de Munique, depois da sua morte, pela sua governanta, Anni Winter. Segundo as recordações do círculo íntimo de Hitler, era um dos artigos de *toilette* que acompanhava Hitler em todas as suas deslocações.²



Para o bigode de um ícone – a escova de Hitler.

«Um dia, o meu bigode vai estar na moda», disse ele.
«Podes contar com isso!»

Desconhece-se quando é que Hitler adotou o bigode «à escova de dentes», que se tornou a sua imagem de marca. Durante a Primeira Guerra Mundial usou um bigode mais cheio, «à *Kaiser*», e há quem diga que o aparou para que a máscara de gás selasse melhor. É possível, mas as fotografias tiradas a Hitler durante a sua convalescença no hospital militar de Pasewalk, em outubro de 1918, mostram-no com o bigode «à *Kaiser*», pelo que a mudança terá ocorrido depois da guerra.

O bigode «à escova de dentes» estava na moda nos anos 1920, tendo sido popularizado em especial por Charlie Chaplin. Talvez seja uma surpresa para os leitores de hoje, mas Hitler era extremamente sensível à imagem, e nos anos 1920 trabalhou bastante com o seu fotógrafo, Heinrich Hoffmann, para aperfeiçoar a sua imagem pública com o fim de criar um «estilo» que agradasse aos seus ouvintes. Talvez a sua escolha de bigode tenha tido a ver com este processo. No entanto, é possível que a adoção do bigode «à escova de dentes» também tenha tido um objetivo prático, como ele confessou a um amigo, em Munique: «Imagina a minha cara sem bigode! O meu nariz é demasiado grande.»³

Independentemente da sua intenção, Hitler não se enganou acerca do furor causado pelo bigode «à escova de dentes», pelo menos entre os seus seguidores. Em 1923, quando Hanfstaengl tentou convencer Hitler a desistir do bigode, Heinrich Himmler e Ernst Röhm adotaram-no. Anos mais tarde, os seus adeptos multiplicaram-se. A par de um número incontável de alemães comuns, muitos figurões nazis adotaram o bigode «à escova de dentes» – que passara a chamar-se «à Hitler» –, incluindo os *Gauleiters* Julius Streicher, Erich Koch e Josef Wagner, os generais Lothar Rendulic, Gotthard Heinrici e Heinrich von Vietinghoff, e oficiais superiores SS como Irmfried Eberl, Christian Wirth e Sepp Dietrich, amigo de longa data de Hitler. Para muitos deles, o bigode «à Hitler» foi certamente mais do que uma questão de moda; foi um ato de fidelidade política, uma homenagem pessoal ao seu *Führer*.

1 Ernst Hanfstaengl, *15 Jahre mit Hitler*, Munique, 1980, pp. 82-83.

2 Henry Picker, *Tischgespräche in Führerbauquartier, 1941-1942*, Bona, 1951, p. 239.

3 Erich Kempka, *I was Hitler's Chauffeur*, Londres, 2010, p. 174.